

FUNCIONÁRIOS

Prosseguem negociações sobre Acordo Interno

A AFAPUC teve na segunda-feira, 30/10, mais uma rodada de negociações com a Fundação São Paulo. Na reunião anterior, foram apresentados alguns pontos que a associação gostaria de ver mantidos num novo texto. Já neste encontro, o secretário-executivo da Fundação, padre José Rodolpho Perazzolo, entregou um documento aos diretores da associação, indicando os pontos que são passíveis de mudança e aqueles com os quais a Fundação não concorda.

Os funcionários deverão analisar as questões e prosseguir as negociações no próximo dia 13, às 14h.

Os professores também têm encontro marcado com os gestores da universidade nesta segunda-feira, 5/11, para prosseguir os entendimentos sobre um novo texto de Acordo Interno.

Dom Cláudio é nomeado para posto no Vaticano

O cardeal arcebispo de São Paulo e grão-chanceler da PUC-SP, Dom Cláudio Hummes, foi nomeado pelo papa Bento XVI para prefeito da Congregação para o Clero, no Vaticano. O departamento efetua a supervisão do trabalho de cerca de 400 mil padres espalhados por todo o mundo.

Desde terça-feira, 31/10, Dom Cláudio não exerce, formalmente, as funções de cardeal arcebispo de São Paulo, permanecendo como administrador apostólico, cargo que tem as mesmas atribuições jurídicas do arcebispado, exercidas de maneira interina. Até o final desta edição, ainda não havia sido anunciado o nome do novo cardeal, o que deve acontecer dentro de um mês.

Existem hoje, no Brasil, cerca de 300 bispos que podem ocupar o cargo de Dom Cláudio. Segundo o ouvidor da PUC-SP Fernando Altemeyer, porém, são cerca de 30 os que possuem chan-

ces reais de assumir o posto.

Na quarta-feira, 1º/11, a *Folha de S. Paulo* noticiava a tendência, existente entre alguns setores da Igreja, pela indicação de Dom Odilo Pedro Scherer, secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, pela sua proximidade com a Santa Sé e pela disposição em se colocar no debate público.

Com o anúncio da saída do grão-chanceler, boa parte da comunidade ficou apreensiva com os destinos que um novo cardeal possa imprimir à PUC-SP, principalmente depois dos fatos que têm caracterizado o papado de Bento XVI. Ouvido pelo *PUCviva*, o professor Altemeyer informou que Dom Cláudio procurou tranquilizá-lo quanto a possíveis mudanças de rumo na universidade, uma vez que, segundo o grão-chanceler, a PUC-SP está resolvendo seus principais problemas financeiros neste momento.



Por outro sistema de comunicação

O último processo eleitoral evidenciou o que se sabe há anos: a grande imprensa empresarial é parcial, manipula e distorce para influenciar a sociedade, defende interesses de grupos econômicos e políticos e contribui muito pouco para informar corretamente e elevar o nível de consciência sobre a realidade brasileira.

Esse sistema de comunicação social – constituído pelos principais jornais e revistas e pelas redes de rádio e TV – está errado há muito tempo, mas, de um lado, os governos e as forças políticas dominantes não tomam a iniciativa para mudar e, de outro lado, a população (os movimentos sociais e as organizações dos trabalhadores) não consegue se articular para substituir o modelo existente.

É preciso atacar o problema em várias frentes. Uma delas é combater diretamente os oligopólios da mídia, exigir que a Constituição Federal seja cumprida. É preciso estabelecer limites para o número de emissoras de rádio e de TV por empresa e proibir a formação de redes – de tal maneira que o sistema deixe de ser centralizado e passe a funcionar majoritariamente com produção e conteúdo diversificado, local e regional.

O mecanismo de concessões públicas precisa ser revisto: a outorga de canais de rádio e TV não pode ser feita a empresas que já tenham outras emissoras, a grupos religiosos e a políticos (em seus nomes e nos nomes de parentes e “laranjas”). A outorga de concessões deve priorizar segmentos sociais, entidades e organizações da sociedade que ainda não tenham espaço público de comunicação, preferencialmente associações comunitárias e sem fins lucrativos.

Uma outra frente de atuação da sociedade e dos poderes públicos é a criação de instrumentos populares e sociais de

avaliação e participação nas programações das emissoras de rádio e TV. Já que são concessões públicas voltadas para a prestação de serviços públicos de radiodifusão (veicular notícias, cultura, educação e entretenimento), tais emissoras precisam ser permeáveis aos ouvintes e telespectadores, de tal maneira que as programações atendam os diversos interesses da população em conteúdo e qualidade.

Uma forma de fazer isso é exigir que toda emissora constitua conselhos de programação integrados por representantes da comunidade, por grupos de artistas, professores, estudantes, sindicalistas, trabalhadores etc. Ao mesmo tempo, toda emissora deve ser obrigada a abrir espaço para contemplar na programação a diversidade política e cultural.

Além dessas medidas, a mudança do sistema de comunicação precisa contar com a formação de comunicadores mais comprometidos com a sociedade, preocupados com os problemas do povo e eticamente responsáveis. Nesse sentido, os governos e as entidades da sociedade deveriam investir – recursos financeiros e humanos – na formação de comunicadores populares e na preparação da população para exercer um papel ativo e crítico diante dos meios de comunicação de massa.

A democratização da comunicação – voltada para a inclusão e a conscientização do povo brasileiro – é uma tarefa urgente se quisermos ampliar e aprofundar a democracia no Brasil.

Hamilton Octavio de Souza
Diretor da Apropuc.



Comitê amplia discussão da Ética na universidade

Nos dias 30 e 31/10 aconteceu na PUC-SP *Fórum Ética em Pesquisa*, organizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade, com apoio do CNPq e da APROPUC.

As fotos ao lado ilustram alguns momentos das palestras e conferências do Fórum: em sentido horário, Tercio Sampaio Ferraz Jr., da Faculdade de Direito da USP; Willian Saad Hossne, da Conep (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa); Antonio Manzatto (Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção) e Salma Tannus Muchail (pós em Filosofia PUC-SP); Carlos Matheus (ex-professor da PUC-SP); e Paulo-Edgar Almeida Resende, coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa puquiiano.

Para o secretário do Comitê, o funcionário Felipe Toledo, o evento teve resultados altamente positivos, pois contou com grande participação de professores e estudantes da PUC-SP e de várias outras universidades, além de trazer “algo de novo para os dias de hoje e para a universidade”. Os organizadores já analisam a possibilidade de lançar uma publicação que condense todas as discussões do Fórum.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 – Sala CA 02 – Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Divera

Reportagem: Jaqueline Nikiforos e Pedro Nogueira

Fotografia: Fábio Nassif e Júlia Chequer

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:

Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Racistas fazem campanha contra cotas

Erson Martins de Oliveira

O grupo pró-nazismo Poder Branco (*White Power*) e os *skinheads* usam a questão das cotas para negros e índios nas universidades como motivo para propagar o ódio racista. Em seus cartazes dizem: “vestibulando branco, hoje eles roubam sua vaga nas universidades públicas. Se você não agir agora, quem nos garante que eles não roubarão vagas nos concursos públicos?”.

Em sua página na Internet, o *White Power* explica que o futuro das crianças brancas corre risco. São afirmações ridículas, mas que refletem a opressão sobre os negros pobres do país, mais ou menos disfarçada pela burguesia branca e assimilada por uma parcela da classe média.

A ultra-direita fascista corrobora para demonstrar a discriminação e o ódio racial. Os três *White Power/skinheads* presos quando pregavam cartazes não passam de pobretões que não conseguem ver de onde vêm suas condições de autônomo, vendedor e assalariado e de onde vêm “suas” idéias fascistas. Estão a serviço da mentalidade reacionária de uma camada da classe média, que ecoa a decomposição da sociedade de classe (desemprego em massa, salários de fome, exclusão educacional da maioria, expansão do narcotráfico, marginalidade juvenil, matança nos bairros pobres, favelas, cortiços etc).

Temos insistido que o racismo é próprio da existência das classes sociais, ou seja, do domínio bur-

guês sobre a maioria oprimida. O nazismo e o fascismo, identificados com Hitler e Franco, são variantes da ideologia burguesa de opressão sobre os trabalhadores, que arrastam a pequena burguesia golpeada pela desintegração do capitalismo e pelo temor de seu futuro.

Os dizeres do cartaz racista indicam que os negros tirarão o emprego dos brancos e que ocuparão seus lugares nas universidades; por isso, a raça branca e seus filhos correriam perigo. Lembremos que os racistas europeus fazem as mesmas acusações aos imigrantes africanos e asiáticos. Mas, como dissemos, trata-se de uma explicação ridícula, absurda, não tem a ver com a realidade. O capitalismo desemprega brancos e negros, impõe-lhes a fome, independente da cor. Milhões de trabalhadores brancos e seus filhos vivem na mais absoluta miséria.

As massas trabalhadoras negras sofrem a opressão econômica acrescida da opressão racial. Essa dupla opressão tem suas raízes na exploração do trabalho, na propriedade privada dos meios de produção e no domínio da minoria burguesa branca sobre a grande maioria de trabalhadores negros e brancos.

Os nazi-fascistas constituem pequenos grupos – ainda marginais na vida social e na política – mas poderão se fortalecer caso a população trabalhadora e a juventude não respondam. A universidade tem o dever de se mobilizar contra toda forma de opressão de classe e racial. Sabemos que a odio-

sa discriminação se manifesta em todos os espaços da sociedade. Os nazi-fascistas não atacam apenas os negros, mas também judeus, nordestinos etc. É uma marca desses grupos o anti-semitismo. Não faltam exemplos também nesse sentido. A violência física contra trabalhadores nordestinos marca a história dos *skinheads* em São Paulo.

O racismo tem se manifestado com insistência nos países da Europa. Os imigrantes são considerados responsáveis pela crise social, pelo desemprego e pela marginalidade. Evidencia-se também o fundo econômico e de classe do racismo e das discriminações sociais nas fronteiras das potências. O Congresso norte-americano acaba de aprovar a construção de um muro de mais de mil quilômetros na fronteira dos EUA com o México. Não por acaso cresce o movimento de milhões de migrantes nos EUA. E na França a rebelião da juventude imigrante denuncia a miséria, o desemprego e a discriminação.

Os recentes acontecimentos ocorridos em São Paulo fazem parte dessa realidade maior. Não podemos tomá-los apenas como um episódio, um fato policial e um furo jornalístico. Não será com processos policiais que enfrentaremos o racismo, mas sim com os

Erson Martins de Oliveira é professor da Faculdade de Comunicação e Filosofia e diretor da APROPUC



PIIIII!

Jorge Claudio Ribeiro

O que é um apito? Para que serve? (lá vem surpresa)

Mestre Houaiss define apito como “pequeno instrumento, feito de metal, madeira ou outro material, que se faz soar por meio de sopro e que serve para chamar, pedir auxílio ou socorro, orientar o trânsito, dirigir jogos desportivos etc”. A mesma fonte também afirma que se trata de um “assobio de metal de que se servem os marinheiros, a bordo dos navios de guerra, para a execução de serviços e manobras”.

Não podemos nos esquecer dos silvos que atravessavam as madrugadas, produzidos por antigos guardas noturnos a bordo de bicicletas e, em geral, seguidos de um coral de latidos. A memória social também hospeda os três apitos da fábrica de tecido de Vila Isabel, que ao ferirem os ouvidos de Noel Rosa faziam-no lembrar-se da amada. Prática mais recente, apitos eletrônicos são utilizados na TV para censurar palavras inconvenientes. Há, ainda, os apitaços promovidos por grevistas e manifestantes em geral.

Pois, na sempre surpreendente PUC-SP, acaba de ser introduzida uma nova utilidade para o apito, ainda não dicionarizada. Constrangida, uma colega professora relata que, em suas aulas na graduação, é tamanha a zoeira nos corredores e a dispersão nas salas ocupadas por nossa *hormoniosa* juventude que, recusando-se a elevar a voz mais que o razoável, ela apela para um apito, a fim de chamar a atenção ou obter silêncio. Diz ainda que seus alunos até solicitam que ela apite, pois se sentem prejudicados pelas condições de um ensino de alta qualida-

de, ministrado numa universidade de primeira linha. Fico a imaginar a colega no momento mais solene de uma aula carinhosamente preparada: “Pois bem. *piiii*. Quando Sartre *piiii* dizia que a existência precede *piiii* a essência, ele pretendia *piiii*...”. E se a moda pega, e a lojinha do térreo decide lançar apitos didáticos de grife? Reconheçamos: tudo isso é absolutamente *brochpiiii*...

Embora lamentável, esse estratégia não provoca estranheza. Já é de conhecimento público que muitos professores, sobretudo da FEA e do Direito, vêm adquirindo por conta própria e fazendo uso habitual de equipamentos portáteis de som, daqueles “de camelô”, para conseguir exercer seu nobre ofício. Assim, à maximização dos contratos se soma a amplificação da voz... À semelhança da corrida armamentista, é provável que venham a ser adotados aparelhos cada vez mais poderosos, para vencer a concorrência do vizinho. Aí teremos atingido o patamar de hecatombe.

Essa situação pode piorar? Parece que sim. Por exemplo, chega a notícia de que os conselhos que regem a vida da universidade estão implantando um sistema de avaliação “dos professores”. Até aí, tudo bem. Só que essa conta não fecha, pois se joga sobre os ombros de nosso flagelado corpo docente a cruz inteira de uma situação que não depende só dele. Não seria razoável fazer também uma ampla avaliação “da docência” envolvendo, dentre outros fatores, as condições oferecidas pela instituição para seu serviço mais importante? De que forma posso ser alvo de uma avaliação-padrão se sou diverso nas aulas que dou no térreo, no 1.º, no 2.º ou

no 3.º andares? Com apito sou um, com “som de camelô” sou outro, “no gogó” sou irreconhecível? E quem avalia as salas mal projetadas, barulhentas e sufocantes que a universidade me impõe? (O verão está chegando e o ano nem acabou...).

Essa situação pode melhorar? Depende. Primeiro, é preciso que as autoridades universitárias se afastem das amenas instalações a que se acostumaram e desçam (ou subam) a rampa para tomar conhecimento do estado em que a senzala se encontra. A Reitoria tem engatilhados, e o BNDES financia, vários excelentes projetos de remodelação do espaço físico: dentre eles, a paulatina e inteligente reorganização estrutural das salas de aula do Prédio “Novo”. Essa solução é viável; no entanto, a prioridade das obras vai depender dos cabritos que mais berrarem... ou apitarem!

Convenhamos, seria um vexame, numa eventual nova edição do Dicionário Houaiss, um hipotético acréscimo ao verbete “apito”: “s. m. Instrumento largamente utilizado na PUC-SP para se conseguir dar aulas”.

Termino com uma mensagem de nossos patrocinadores para os colegas:

1- Apito para conseguir atenção nas aulas no Prédio “Novo” – R\$ 15,00 (no máximo)

2- Kit de som portátil, “de camelô” – R\$ 200,00 (na Rua Santa Efigênia)

3- Uma AULA competente e tranquila, sem zoeira no corredor ou na quadra – NÃO TEM PREÇO.

Jorge Claudio Ribeiro é professor do Departamento de Teologia



Estudantes organizam manifestação em defesa de Oaxaca

Estudantes de Serviço Social, Jornalismo, Ciências Sociais, Direito e História da PUC-SP estiveram presentes numa manifestação realizada na semana passada, em frente ao Consulado do México em São Paulo, para pedir o fim da repressão ao povo mexicano e o reconhecimento da Assembléia Popular dos Povos de Oaxaca (APPO). A manifestação foi organizada junto com o CMI (Centro de Mídia Independente) e outras entidades.

Enquanto a mídia brasileira silencia sobre uma das maiores expressões da luta da classe trabalhadora do nosso século, os estudantes resolveram não calar sobre o assunto e colaram cartazes de protesto, fizeram manifestações artísticas, entregaram uma carta ao cônsul – que se negou a dar qualquer entrevista aos jornalistas presentes – e transmitiram reportagens de rádios de Oaxaca (todas sob controle popular) e músicas da resistência.

Até o momento, existem vários militantes da APPO desaparecidos e presos. A PFP (Polícia Federal Preventiva) está dentro da cidade e usa de infiltrados nas manifestações pacíficas para fazer provocações e assim “autorizar” a repressão mais brutal da polícia mexicana. Os manifestantes pediam também liberdade aos presos políticos e o fim dos seqüestros de militantes pelos grupos paramilitares que rondam a comuna de Oaxaca.

Raphael Sanz, estudante de jornalismo da PUC-SP e participante do Comitê Avante Zapatista, que organiza atividades em apoio ao Ejército Zapatista de Liberación Nacional do México, diz que foi importante organizar o protesto, para mostrar para o governo mexicano que “tem gente que não aprova as medidas repressoras adotadas em Oaxaca, Atenco e Chiapas”.

Dos dias 29 a 31/10 aconteceram inúmeras marchas de apoio a Oaxaca em mais de 50 cidades e 30 países ao redor do mundo. Só no Brasil, foram sete protestos em frente a consulados ou nas ruas. Além disso, grandes marchas foram chamadas na Ciudad de México,



Manifestantes se concentram em frente ao Consulado do México (acima). No destaque, estudantes acendem velas na fachada do edifício

FOTOS DE JULIA CHEQUER

Rebelião popular de Oaxaca

Durante cinco meses a população de Oaxaca, sul do México, tomou literalmente a cidade. A Assembléia Popular dos Povos de Oaxaca (APPO) passou a ser o órgão de decisão coletiva do movimento de massa.

Em 22 de maio, os professores estaduais (cerca de 70 mil) entraram em greve. Em junho, a luta grevista estava radicalizada, com os professores ocupando prédios no centro da cidade. A repressão policial agravou o embate. Deu lugar a um movimento mais amplo que a greve, reunido em torno da APPO. Barricadas foram levantadas, as ruas foram bloqueadas e o centro de Oaxaca (capital do estado) passou inteiramente para o controle popular.

O governador Ulises Ruiz é denunciado pela repressão aos docentes, por não atender as reivindicações, pela corrupção e por ser comparsa de Roberto Madrazo, candidato do PRI nas eleições presidenciais. O movimento de Oaxaca exige a renúncia de Ruiz.

O conflito já tem vários mortos. Grupos paramilitares passaram a atacar as barricadas com armas de fogo.

Nesse momento, a Polícia Federal intervém sob ordens diretas do presidente Vicente Fox. Com armas rudimentares (molotov, rojões), as barricadas enfrentaram a força federal, que acabou ocupando

pontos centrais (dia 28/10). A APPO reorganizou o movimento e as massas retomaram o centro da cidade.

Frente à resistência popular, o senado e a câmara dos deputados aprovaram uma moção para que Ruiz renuncie. Mas não se pronunciou quanto às reivindicações dos professores grevistas. O governo federal atua com a repressão e o parlamento manobra para esvaziar a luta popular.

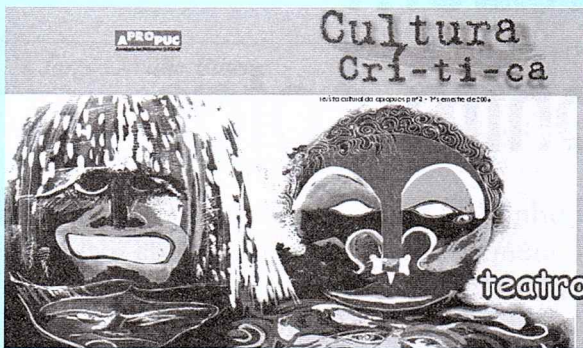
As reivindicações dos professores devem ser atendidas e não apenas a exigência de renúncia do governador.

Oaxaca é um exemplo de luta e organização independente contra a opressão capitalista. A APPO mostra que as massas em luta tendem a criar organismos próprios para enfrentar a exploração, a opressão e o controle político da população pelo poder do Estado.

O movimento ficou circunscrito à capital de Oaxaca, nisto reside sua limitação. A classe operária e a camponesa não puderam sair em defesa de Oaxaca ocupada devido ao bloqueio de suas direções sindicais e políticas. Nos embates como o de Oaxaca, vemos a enorme potencialidade da luta coletiva das massas e seus limites devido à falta de uma organização classista unificadora da população oprimida.

Todo apoio internacional para a vitória da APPO. Viva a ocupação popular de Oaxaca!

Rola na rampa



Teatro na mira da revista *Cultura Crítica*

Começa a circular nesta semana entre os associados da APROPUC o número 3 da revista *Cultura Crítica*, que aborda o teatro sob diversos prismas. No texto de apresentação da nova edição, o diretor da APROPUC Erson Martins de Oliveira, afirma que este terceiro número objetiva abraçar a causa do teatro – aquilo que levou essa forma de expressão a patamares históricos elevados. “Mais do que nunca, vivemos o despedaçamento das relações sociais. O teatro tem nisso a força de sua existência. A realidade trágica continua a pedir aos artistas que a representem, com criatividade, imaginação e vigor de linguagem”. Nesse contexto, o professor Carlos Gardin apresenta seu artigo *Teatro: diagrama da vida*, enquanto Sergio Ferrara

fala sobre Plínio Marcos. O ex-funcionário da PUC-SP Eduardo Viveiros comparece com uma reflexão sobre dramaturgia e política. Erson Martins de Oliveira debate a construção estética em *Morte e Vida Severina* e Silvia Anspach analisa a obra de Bertolt Brecht. O professor de Artes do Corpo Cassiano Sydow Quilici apresenta o ensaio *O ator-performer e a crítica do “corpo cotidiano”*. *Cultura Crítica* conta ainda com ensaios dos professores Ricardo Melani, responsável também pela edição da revista, além de Alexandre Mate, Laura de Paula Rago e Syntia Alves, e da reprodução de textos de Erwin Piscator e Brecht. O próximo número da revista será dedicado ao cinema e os artigos podem ser enviados à APROPUC até 30/11.

Estudantes preparam atividades contra repressão

Nesta semana, o Comitê Contra a Repressão na PUC-SP realiza duas atividades. No dia 7/11, haverá uma oficina para a confecção de materiais de protesto como faixas, cartazes, camisetas e outros,

abordando o tema da Repressão na universidade. A atividade terá início às 16h, em frente ao Cafil, na Prainha. No dia 9/11, o Comitê realiza a sua segunda reunião, no Pátio da Cruz, às 18h.

Aberta nova sindicância contra estudantes

A Faculdade de Direito abriu na semana passada sindicância para apurar os danos causados por alunos do 5.º ano durante festa realizada na noite de 26/10, no campus Monte Alegre. A portaria do diretor da Faculdade, professor Marcelo Figueiredo, considera a conduta dos estudantes irresponsável e suspende a colação de grau de todos os alunos do último

ano do período noturno “até que sejam apurados e ressarcidos os danos causados ao patrimônio da universidade, bem como punidos os responsáveis”. Outra sindicância, a que apura possíveis alterações em currículos Lattes e acusações de constrangimentos a professores terminou no dia 29/10 e teve seu prazo prorrogado por mais 15 dias.

Segundo a Folha de S. Paulo, PUC-SP alcança equilíbrio financeiro

Em seu caderno *Cotidiano*, no domingo, 29/10, a *Folha de S. Paulo* publicou matéria de página inteira revelando que a PUC-SP já opera “no azul” e ainda “projeta até mesmo um superávit de R\$ 3,9 milhões ao final deste ano”. A reitora foi ouvida e considerou, segundo o jornal, que mesmo que a PUC-SP saia com um pequeno prejuízo, já é uma vitória, uma vez que, “chegamos a um equilíbrio fi-

nanceiro sem descaracterizar a universidade”. O diretor da APROPUC Erson Martins de Oliveira foi entrevistado e afirmou que o saneamento foi conseguido através de medidas como demissões e aumento de aulas: “eu, por exemplo, tinha duas disciplinas. Agora, tenho quatro. Isso prejudica, porque você tem menos tempo para preparar as aulas, atender os alunos, corrigir provas”, afirmou o professor.

DIVULGAÇÃO



Confira a programação da Sipat

Na quinta-feira, 26/10, uma palestra com o professor Paulo Roberto Moreira (foto), assessor da Vice-Reitoria Comunitária, abriu a Sipat (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho). Para esta semana, no campus Monte Alegre, de 6 a 8/11, das 9 às 16h, haverá uma atividade sobre Acuidade Visual. Na unidade

Santana, ocorrerá uma atividade sobre Ginástica Laboral, terça-feira, 7/11, às 15h. Nos câmpus da Marques de Paranaguá e Derdic, além da abertura da Semana, serão realizadas as mesmas atividades, além de uma palestra sobre DST's. Para conhecer na íntegra a programação acesse o site www.pucsp.br/cipa.